

AS DIFICULDADES NO ABASTECIMENTO E ELEVAÇÕES NOS PREÇOS DE MILHO, FEIJÃO E ARROZ

Eng.º Agr.º Constantino Carneiro Fraga

O período de entre-safra que ainda estamos atravessando trouxe novamente dificuldades ao abastecimento de alguns gêneros alimentícios, dentre eles o milho, feijão e arroz. Isso, não obstante ter sido a safra paulista de arroz cerca de 20% superior à do ano precedente e também a de milho acusar ligeiro aumento em relação à grande colheita anterior. Apenas o feijão registrou menor volume de produção e aliás, de modo muito acentuado (cerca de 48%) pois a colheita deste ano, de nor-

mal para pequena, entra em cotejo com a de 1960 que foi a maior dos últimos anos.

Nas dificuldades ao abastecimento acima referidas, encontra-se a presença de causas gerais que em seus largos âmbitos abrangem em comum os três produtos e causas específicas, isto é, que só influenciaram na situação de um deles. Para mais facilitar a exposição desta rápida análise, passamos a comentar separadamente a situação desses três gêneros básicos.

MILHO

I — Reduziram-se drasticamente as disponibilidades

A estimativa do volume produzido em São Paulo neste ano foi muito boa, pois superou, embora por diminuta

quantidade, aquela "record" do ano agrícola de 1959/60. O quadro a seguir, comprova o que vem de ser dito.

QUADRO I

Estimativa das Safras de Milho no Estado de S. Paulo

Anos Agrícolas	1.000 Ha. plantados	1.000 Scs. 60 Kg produzidas
1956/57	1 113	22 300
1957/58	1 149	23 000
1958/59	953	22 200
1959/60	1 324	29 000
Média 1956/ a 1959/60		24 125
1960/61	1 186	29 400

Fonte: Seção Previsão de Safras e Cadastro — Dv. E.R. — S.A.

Doutro lado e no que se refere às regiões que normalmente complementam o consumo deste cereal no território paulista ou sejam, o Paraná, Goiás e Minas, as informações ainda provisórias, indicam safra um pouco menor quando comparada com a do ano precedente, porém com volumes próximos dos normais. Dêsse sucinto balanço, vê-se que as perspectivas do abastecimento do milho em nosso Estado, poderiam ser consideradas como relativamente fáceis ou pelo menos acima do normal. Por isso, o desenvolvimento da comercialização deste cereal com a restrição da oferta notada já em setembro e portanto em época bem antecipada, veio surpreender a quase todos, inclusive à maioria dos negociantes do produto. O que teria acontecido?

Dentre as causas que concorreram para essa situação, podem ser lembradas as seguintes.

a) — A prolongada e severa estiagem que se abateu sobre S. Paulo e quase todo o Brasil Central, trazendo entre seus efeitos a devastação das pastagens e em conseqüência, o enorme aumento do consumo do milho nas propriedades rurais. Este aumento do consumo verificou-se não só no milho “in natura”, como também na maior utilização das rações preparadas.

b) — Os fornecimentos efetuados pelo Paraná aos mercados de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, cujas colheitas de milho em 1960/61 foram prejudicadas pelas excessivas chuvas então caídas naquelas regiões. Estima-se que tais fornecimentos elevam-se a 5 milhões de sacas, o que representa sensível desfalque nas disponibilidades que normalmente demandam o Estado de São Paulo.

c) — O aumento na industrialização do milho, quer em virtude do incremento da

produção de rações animais, das quais é êle um dos principais senão o principal componente, quer devido ao desenvolvimento da industrialização prôpriamente dita (fabrico de farinhas, amido, óleo etc.).

As causas acima apontadas, além de outras menores, provocaram em curto tempo a escassez do milho no mercado, trazendo-lhe sérias perturbações.

II — Forte elevação dos preços

Os preços do milho, até mais ou menos fins de julho mantiveram-se em níveis relativamente baixos, com mercado frouxo tanto nos centros de consumo como nas fontes de produção, caracterizado por pequeno interêsse dos compradores e reduzido número de transações. Os preços contudo, não desceram no Estado de São Paulo a ponto de exigir a intervenção governamental a fim de assegurar os preços mínimos, fato que ocorreu em alguns centros produtores de Minas Gerais.

A partir de agôsto, a tendência do mercado começa a se inverter e a mudança se processa rapidamente. Os pre-

ços em ascensão contínua atingiriam em poucos meses níveis inéditos e a quase todos inesperados, mesmo àqueles cujas atividades estão ligadas ao comércio desse grão.

Dentre as causas motivadoras dessa elevação de preços, além das já citadas e referentes ao desequilíbrio entre a oferta e demanda, podem ser acrescentadas as seguintes:

- a) — elevação das bases do salários mínimos. ;
- b) — inquietação política e sobretudo as sérias consequências econômicas resultantes da crise de agôsto.

O quadro seguinte permite avaliar ligeiramente o comportamento dos preços no período sob exame.

QUADRO III
Preços do Milho em São Paulo
Cr\$ por 60 quilos — Médias Mensais

	1 9 6 0			1 9 6 1			
	Jul.	Ago.	Set.	Jul.	Ago.	Set.	Out.
Bolsa de Cereais de São Paulo — Amarelo-misto ..	420	394	417	567	695	801	1 119
Preço médio recebido pelos lavradores.	337	329	322	481	512	687	

III — Escassez nos próximos meses

Apesar de já se terem iniciado as fortes precipitações da estação, provocando um rápido ressurgimento das pastagens e por via de consequência, acentuada queda nas necessidades de consumo para alimentação animal direta, dever-se-á observar escassez, até a entrada do milho da nova safra 1961/62, que deverá ter início em março/abril do próximo ano. Isso, porque as reservas comerciais estão praticamente esgotadas e as indústrias, com raríssimas exceções, entre as quais se inclui a mais importante delas, não dispõem de estoques operacionais suficientes. Esta observação é válida não só para o Estado de São Paulo, como para o Paraná, Minas e Goiás, cujos principais centros comerciais foram recentemente visitados por técnicos da Divisão de Economia Rural desta Se-

cretaria. Pelas informações obtidas, situação semelhante é observada nas outras importantes regiões produtoras e consumidoras do país. Também não se pode contar, senão em escala desprovida de importância, com o lançamento no comércio, em consequência das chuvas, de reservas dos paíóis dos produtores ou de eventuais estoques nas mãos de comerciantes mais avisados. Até o primeiro trimestre de 1962 a característica predominante tende a ser, portanto, dum mercado do vendedor, com firmeza dos preços. Isto poderia ser alterado com a importação do produto, medida entretanto que só mereceria apoio, caso houvessem amplas garantias de que o produto chegasse em prazo suficientemente curto para não aviltar os preços da próxima safra.

IV — Principais perspectivas para o próximo ano

As informações colhidas nas principais regiões produtoras do Brasil Central, ou sejam; S. Paulo, Minas, Paraná e Sul de Goiás indicam uma extraordinária animação para o plantio do milho da futura safra. Há uma procura intensa, uma verdadeira corrida entre os agricultores às sementes híbridas e isto ocorre em tôdas as importantes zonas produtoras das regiões acima

citadas, o que atesta o grau de desenvolvimento técnico que atingiu esta exploração agrícola. Como é óbvio, o principal fator de estímulo reside nos preços atuais do produto, que conduzem as reações imediatas da grande maioria dos nossos produtores. Há entretanto, outros indícios que justificam até certo ponto esse otimismo reinante quanto à futura safra. Um deles é o cresci-

mento das instalações industriais para o milho e o outro são os preços mínimos assegurados por importante firma industrial para o produto do ano vindouro, os quais são de 30 a 37%, conforme os tipos, superiores àqueles assegurados pelo Governo Federal. Cumpre notar a importância deste fato como comprovante da necessidade de revisão em nossa legislação sobre a garantia de preços mínimos. Com efeito, quando nos primeiros dias de abril deste ano foram fixadas as bases de preços mínimos para a safra 1961/62, tais bases foram consideradas muito boas por todo os círculos interessa-

dos, inclusive os agricultores. Havia razões para isso, pois em verdade aqueles preços aproximavam-se razoavelmente das cotações do mercado. No entanto, passado algum tempo e antes ainda da época do plantio, os preços do Governo Federal estavam amplamente superados, sendo anulada por completo uma das principais finalidades com que foram estabelecidos e que era a de servir de estímulo aos agricultores de maneira a persuadí-los a incrementar o cultivo do milho. Esse estímulo houve, mas sem a participação dos preços mínimos oficiais.

FEIJÃO

I — SUPRIMENTOS

A soma das safras de feijão “das águas” e da “sêca” em 1960/61 em São Paulo representou apenas 52% do resultado obtido no ano precedente. O decréscimo foi assim muito grande, porém é preciso ter em conta que a safra 1959/60 constitui provavelmente o “record” absoluto da

produção paulista de feijão. Se o cotejo fôsse feito com a média do último quadriênio e portanto incluindo ainda aquela grande safra, a diferença giraria apenas em torno de 10%. De qualquer modo, porém, a produção paulista foi pequena, como pode ser observado pelo exame do quadro seguinte:

QUADRO III
Produção Paulista de Feijão

Anos	1.000 h. plantados			1.000 scs. produzidos		
	das águas	da sêca	total	das águas	da sêca	total
1957	160	155	315	1 200	1 300	2 500
58	167	193	360	1 000	1 500	2 500
59	118	143	261	900	1 040	1 940
60	189	259	448	1 360	1 900	3 460
61	196	160	356	1 080	1 240	2 320

Fonte: Divisão de Economia Rural.

Quanto às regiões ligadas a São Paulo no que se relaciona com a economia do feijão, notadamente o Paraná e Minas Gerais, as informações ainda provisórias parecem apontar volumes totais de produção mais ou menos normais, porém com sensível redução na produção dos feijões de côres, que são os tipos que mais influem no abastecimento do nosso Estado. Houve assim boa produção de feijão preto (de pouca aceitação no mercado paulista) no Paraná, Minas, Goiás e Estados mais distantes, enquanto os chamados feijões de côres (chumbinho, roxinho, opaco, rosinha etc.) acusaram em seu conjunto menor produ-

ção no Paraná, com queda também na qualidade (piores tipos). A produção do roxo de Minas foi bem menor, registrando-se um decréscimo de 50% em Patos de Minas, atualmente o mais importante centro exportador de feijão daquele Estado e especializado no famoso tipo "roxão".

Em resumo, pode-se dizer que enquanto o suprimento total de feijões em São Paulo e regiões economicamente interligadas era pouco abaixo do normal, havendo mesmo abundância de certos tipos (preto), as disponibilidades para o mercado de São Paulo eram limitadas.

II — Grande elevação de preços

Aproximadamente até fins de julho, os preços do feijão mantiveram-se em níveis baixos, com mercado predominantemente frouxo. Os remanescentes da safra anterior, a entrada no mercado da safra das águas e as conhecidas restrições de crédito havidas naquele período podem ser citadas entre as principais causas da apatia então registrada nos preços.

A partir de agosto, entretanto, o mercado começa a firmar-se e os preços entram em espiral ascendente. Em pouco tempo, começam a surgir temores quanto ao abastecimen-

to desse produto à Capital paulista e regiões circunvizinhas.

Dentre os fatores que concorreram para essa reviravolta na tendência do mercado e conseqüentemente dos preços, pode-se alinhar, além do que já foi dito:

a) — A redução verificada na produção do feijão roxinho em Minas e Goiás, cuja entrada no mercado de São Paulo, inicia-se aproximadamente em julho. Essa redução foi bastante acentuada com o "roxão" (o mesmo feijão, mas, mais reputado no mercado) da zona de Patos de Minas.

b) — A crise política-econômica e os novos níveis de salários mínimos já mencionados no capítulo referente ao milho.

c) — A penetração que aos poucos vai o feijão roxo fazendo em Belo Horizonte, que começa a consumir também este tipo e concorrendo (ainda em pequena escala), assim como São Paulo, pela obtenção da mercadoria.

d) — A estiagem a que já se fez referência. No caso do feijão, os efeitos da estiagem foram indiretos e em grande parte de ordem psicológica. Com efeito, a partir de setembro e particularmente em ou-

tubro, a continuidade da seca impedia o plantio da futura "safra" em São Paulo (e também alguns municípios do Paraná) e o atraso em seu plantio implicaria em maiores riscos para a produção, bem como o prolongamento do período de entressafra. Esses temores tinham reflexos óbvios no mercado. De resto, a estiagem também teve efeitos mais diretos, pois muitas tentativas de aproveitar chuvas isoladas para proceder-se ao plantio, falharam totalmente. O quadro IV registra o comportamento dos preços para alguns tipos de feijão.

QUADRO IV

Cotações do Feijão no Mercado de S. Paulo

Cr\$ por saca 60 quilos - Médias mensais

Meses	Tipos			
	Roxinho Extra	Chumbinho Especial	Opaco Especial	Jalo Especial
1960				
Julho	2 029	1 583	1 580	2 014
Agosto	1 828	1 456	1 380	1 893
Setembro	1 835	1 415	1 305	1 916
Outubro	2 398	1 808	1 500	2 224
1961				
Julho	2 045	1 347	1 303	1 420
Agosto	2 422	1 924	1 662	2 369
Setembro	2 826	2 326	2 207	2 874
Outubro	3 431	2 645	—	2 834

Fonte: Bolsa de Cereais de São Paulo.

III — Disponibilidades pequenas mas suficientes para atender ao abastecimento

O início das chuvas veio trazer sensível alívio nas perspectivas do abastecimento de feijão aos centros de consumo de São Paulo. Tratando-se de plantio de ciclo curto e dada à redução do consumo provocado pelos altos preços, parece certo que as disponibilidades existentes serão capazes de atender à procura até a entrada no mercado, dos feijões da safra nova. De qualquer mo-

do, ainda que eventualmente falte determinados tipos do produto, parece definitivamente afastado qualquer risco de colapso no abastecimento de São Paulo. Ademais, em certas regiões do Sudoeste do Paraná, onde não houve atraso nas chuvas, as culturas de feijão estão bastante adiantadas, devendo já em dezembro próximo, dispor de feijão para os mercados consumidores.

ARROZ.

I — Produção maior

A estimativa para a safra paulista de arroz de 1960/61, indica um aumento de 20% sobre a do ano precedente e su-

perando em 33% a média anual do quadriênio 57/60. Isto pode ser constatado pelo exame do seguinte quadro.

QUADRO V

Produção de arroz em São Paulo

Anos	1.000 Ha plantados	1.000 sacas em casca produzido 60 quilos
1957	460	8 800
58	547	9 000
59	595	10 800
60	574	11 000
61	644	13 200

Fonte: Divisão de Economia Rural.

A tendência verificada em São Paulo parece ter sido geral para as demais importantes regiões produtoras do país, a jul-

gar por informações ainda não definitivas. Assim, o Rio Grande do Sul teria registrado a safra "record" de 19 milhões

de sacas de 50 Kg em casca. Minas Gerais e Goiás também acusaram volumosas colheitas. Em resumo, 1960/61 foi um bom ano para a produção de

arroz. Dessa forma, o abastecimento dos grandes centros consumidores não esteve propriamente sob ameaças de falta do produto.

II — A oferta não correspondeu ao aumento da produção

Não obstante as boas colheitas, não se observou abundância do produto em São Paulo. Isto se deve em grande parte ao fato do Rio Grande do Sul, que é normalmente uma das principais fontes a que recorre S. Paulo para cobrir o "deficit" da sua produção (o que também ocorreu com a última safra), ter-nos

remetido muito pouco arroz em virtude de não poder concorrer em preços, com o produto local ou de Minas e Goiás. Esses preços relativamente altos do arroz gaúcho já ocorreram no ano anterior com efeitos semelhantes nas remessas para São Paulo. O quadro abaixo permite fazer-se melhor idéia do que vem de ser dito.

QUADRO VI

Importação do arroz gaúcho por São Paulo de abril a julho
Em saca de 60 quilos beneficiado

Anos Comerciais	abril	maio	junho	julho	Total 4 meses
1956/57	153 603	349 389	150 197	231 020	884 209
1957/58	35 087	52 221	99 301	221 042	407 651
1958/59	148 536	209 962	180 623	231 995	771 116
1959/60	50 653	108 840	87 538	118 915	365 856
1960/61	42 243	34 051	18 745	75 714	171 753
1961/62	73 437	33 828	2 865	13 538	123 668

Fonte: I.R.G.A. Anuário e Boletim Estatístico Mensal.

Cumprе ainda assinalar que das 123.668 sacas acima indicadas, 100.572 (mais de 80%) eram constituídas de arroz "cateto" ou "japonês" que

tem uma "faixa" de mercado um pouco especial em São Paulo, pois é consumido pela colônia nipônica e seus descendente radicados em São Paulo.

III — Preços baixos nos primeiros meses do ano, em elevação a partir de agosto.

As boas colheitas e as dificuldades de dinheiro decorrentes da retenção geral de crédito observada no primeiro semestre dêste ano influíram bastante na manutenção dos preços baixos e frouxidão geral do mercado de arroz nesse período. O desinteresse dos compradores e sobretudo dos grandes atacadistas deprimiu em muito os preços nas zonas de produção. Isto provocou a intervenção da Comissão de Financiamentos da Produção, a qual teve de efetuar compras maciças de arroz no Triângulo

Mineiro e Sul de Goiás, sendo que nesta última região foram estimadas em 600.000 sacas de arroz em casca as aquisições por parte da C.F.P.

A partir de agosto, entretanto, os preços do arroz passaram a seguir, embora em ritmo bem mais fraco, a tendência altista apresentada pelo feijão e milho. As consequências econômicas de crise política de agosto e a elevação dos níveis do salário mínimo influíram ponderavelmente para a firmeza dos preços.

IV — Abastecimento assegurado

No que diz respeito à existência do produto, não há, como de resto em nenhum momento houve perigo de graves perturbações ao abastecimento dos grandes centros de consumo. Os estoques existentes nas mãos de intermediários, na C.F.P. e no IRGA são amplamente suficientes para o atendimento dessas necessidades.

Não há, entretanto, ponderáveis motivos para se prever quedas acentuadas nos preços do arroz, pois é preciso ter em conta não só o atual poder aquisitivo interno da nossa moeda, como o fato de que as maiores cotações do dólar valorizam, em cruzeiros, as reservas rio-grandenses.